

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo



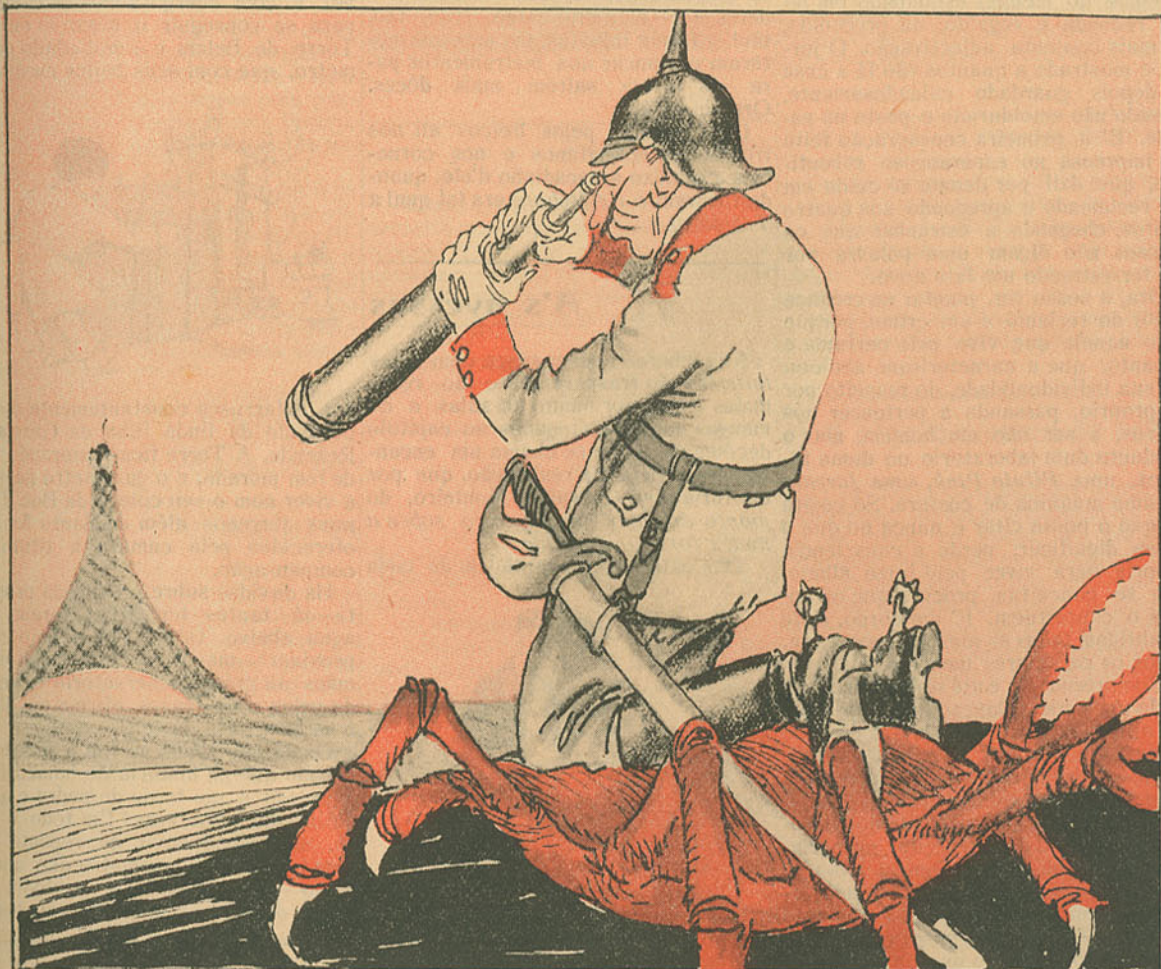
Director ABACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA ORACA, Lmt.ª

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

Redação. Administração e Oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

Por um oculo



— *Deutschland über alles...*



PALESTRA AMENA

Fez hontem um brilhante exame. . .

Durante esta epoca do ano as columnas dos jornaes vêm estreladas de noticias de exames brillantissimos, de meninos prodigios, cuja maioria nem distincção obteve. A creança, assim envaidecida e envolta num reclamo farfalhado, é atirada para a circulação como as botas do Candeias e os gabões do Clemente: Deixou de se formar por si propria para ser formada pelo publico; substituiu o cumprimento natural do dever pelo espalhafato da pirotechnia. Descido a fogueteiro da sua pessoa, d'aí por diante, trata unicamente de chamar as atenções sobre si em vez de tomar toda a atenção consigo. O pudor entra a diluir-se-lhe, o recato perde-o, a bem entendida modestia transforma-se-lhe em espalhafato.

Os papás e as mães, as tias e as primas deliram de jubilo por verem o nome do menino estampado em letra redonda e seguido, ou precedido, da mais opulenta adjectivação. O jornal é mostrado a quantos vão lá a casa e depois guardado cuidadosamente, quando não emoldurado e posto na parede. E' a primeira consagração feita na imprensa ao esperançoso rebentinho, que dali por diante só cuida em ser reclamado e apregoado aos quatro ventos, chegando a estranhar que os jornaes não digam uma palavra por ele ier estreado um fato novo.

Ora, a nosso ver, plantar na creança a flôr do reclamo é um crime, porque todo aquele que vive pelo perfume e encanto, que a caracterisam, abdicou da sua individualidade, do respeito por si proprio, passando a pertencer aos outros, a ser não um homem, mas o producto dum laboratorio ou duma fabrica, uma *Pilula Pink*, uma *Juvenia* ou uma maquina de costura. Só cogita no que o possa citar e nunca no que o possa dignificar; perde a consciencia propria para viver pelo juizo alheio; não se conceitua, procura que os outros o conceituem. E' um corpo, onde se abrigam todas as almas menos a sua, todos os caracteres menos o seu.

Compreende-se e até se justifica que, findo um curso e lançado um rapaz para a luta da vida, se diga á sociedade o que ele traz na bagagem, mas enriste-se ver-lhe citadas as occurrencias vulgares da sua vida de trabalho, ano a ano, desde que soltou o vagido do primeiro grau da instrucção primaria. Que se saiba que o homem existe e quem é; ao ingressar na actividade geral, mas que não comecem a apregoal-o desde os oito ou nove anos, como o carapau ou o marmelo assado no forno!

Ou não será assim? — Que não! estamos a ouvir gritar muitas mães erguidas nas pontas dos pés com vontade de nos engulir, e muitos papás cuspiendo-nos o mais ensalivado desprezo. Pois que não seja e que siga a concorrência.

○ Outro.

Assucar por musica

Um telegrama de Valença para o *Jornal de Noticias*, do Porto, diz que no dia 12, ao regressar a banda do 30 das festas de Bayona, na Galiza, os carabineiros apreenderam 60 quilos de assucar dentro do bombo e de outros instrumentos. Os musicos foram autoados e seguiram para Portugal e o chefe Antunes ficou em Tuy detido.

E' claro que a banda ficou de cara á banda e em ponto de rebuçado por todas as razões e mais pela do assucar, e em nosso humilde entender, tan-



to a apreensão, como a autoação e a detenção — está dito então, trão, fãõ, fãõ! — foram injustas. Os musicos meteram o assucar nos instrumentos para as notas sairem mais doces. Ora ahi está!

Com assucar pelos beiços ali nos trombones, nos pifanos e nos cornetins e o baixo atacadinho d'ele, quando tocaram o *Freischutz* era tal qual a *Traviata*!

A's avéssas

As senhoras andam agora com umas *toilettes* tão transparentes e tão resumidas em comprimento de saias e de mangas como desafogadas no capitulo decótes. E' o que se chama um encanto para a vista e a realisação, que poz em furia o sr. Carvalho Monteiro, do *manto diafano da fantasia sobre a nudez forte da verdade*.

Tem esta moda a vantagem de cada



um que pretenda a *fazenda* já saber a que leva, e a tal ponto que, transposta, emfim, a porta da alcova nupcial, o noivo, em vez de tremula e voluptuosamente desnudar a noiva, dir-lhe-ha com uma curiosidade e um anseio irremovíveis:

— Ora veste-te lá, meu amorsinho!

Sempre quero vêr que fal te fica. . .

E ela, entre ingenua e *coquette*:

— Olha que é só para ti!

Razões fortissimas

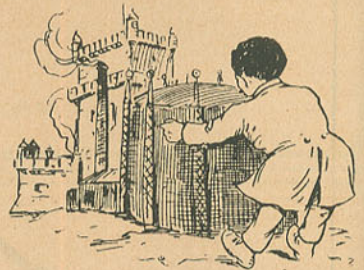
Os monarchicos, que censuravam o subsidio aos deputados e não cessavam de dizer que era um escandaloso beneficio abolido pela monarchia, tambem agora o empoçam e recolheram de todo a fala ao bucho a tal respeito.

Porquê? Aqui muito em segredo, por 5355 razões e pico por dia. Nem mais, nem menos. E lá do outro mundo o sapateteiro de Braga, que tambem era talassa, ainda grita:—«Ou comem todos, ou ha de haver aqui moralidade!»

D'esta feita dão-se as duas cousas. Comem todos e até ha esta moralidade: — Nunca digas d'este subsidio não mamarei!

Ha de sair!

N'uma das ultimas sessões municipaes, o sr. Adães Bermudes propoz, e foi aprovado, que se empreguem de vez e com energia todos os esforços para se conseguir o divorcio entre a Torre de Belem e o malfadado gazometro, que com seus beijos encarvoa-



dos enfarrusca constantemente o corpo lindo da linda filha de Garcia de Rezende. A Torre ficará morando onde tem morado, e o gazometro passará a viver com o seu colega da Boa Vista nuns terrenos além de Santo Amaro, oferecidos pela camara a titulo de compensação.

Ha duvidas sobre o exito da proposta—já tantas tentativas foram por agua abaixo, talvez por o Tejo estar proximo!—mas o sr. Adães deitou as mãos ao grande reservatorio e, jurando pelos seus deuses, afirma em alto e bom som:—Ha de sair!

Oxalá não venha no fim a succeder o mesmo que na historia do homensinho agarrado a um frade de pedra e a repetir eguaes palavras! Em todo o caso, se Lisboa ouvir de repente um pum! ou foi o gazometro que saiu e, como bom gazometro, explodiu de raiva, ou foi o sr. Adães Bermudes. . .

Meta-nos lá o dedinho na boca! . . .

Numa carta publicada no *Republica* pergunta o sr. Leote Holofote do Rego: —«Quando é que Portugal voltará a ser de todos os portuguezes?»

Ora quando! Quando o chegarem de novo ao rego.

**O aparelho critico**

O sr. Fidelino de Figueiredo, deputado da maioria, referiu-se no parlamento ao seu aparelho critico.

Tinhamos ouvido muitas vezes falar de aparelhos de guerra, de cosinha, de casa de jantar, de cirurgia, de lavoura, etc. etc. mas, francamente aqui confessamos a nossa ignorancia, até ao dia de hoje ainda não nos chegara aos ouvidos, nem nos batera na vista, nenhum aparelho critico. E temos perdido dias e noites a cismar na sua constituição e uso. De que será feito? Em que parte do corpo existirá? Como applica-lo? Mas por maiores e mais fundas cogitações a que nos entregassemos, não havia meio de lubrificarmos sequer a visão de tal apresto.

Vae senão quando lemos por acaso num carcomido alfarrabio este antigo adagio portuguez:—«Ainda que estejas bem com tua mulher, não é bom conselho que cortes o aparelho». Será este o aparelho critico de que falou o illustre parlamentar? exclamámos num arranco de alegria. Logo, porém, ainda em mais apertada intriga nos mergulhámos. Casados por tres vezes e com desaseis filhos, nunca dêmos pela posse de nenhum aparelho d'este genero, ou se o possuímos, ignoramos que assim se chame.

Que nos acudam o illustre filólogo sr. Leite de Vasconcelos com a explicação do termo e o sr. Fidelino de Figueiredo com o desenho respétivo! E desde já prometemos estampar aqui ambas as revelações para elucidação geral do paiz, porque deve muita gente andar, como nós, intrigadissima com a charada.

Estamos a ver que nos sae a cousa mais vulgar deste mundo, e que ao conhecê-la desataremos todos a rir:—Pois srs! nunca imaginámos que tambem tinha este nome!

Plagiatos

Vae para um ano, o sr. Teofilo Braga foi acusado pelo sr. Ricardo Jorge de o ter plagiado; ha pouco tempo, o sr. Brito Camacho impingiu como sua uma frase de Blasco Ibañez, que logo depois se descobriu tê-la surripiado a Guy de Maupassant. Agora aparece a seguinte sentença, attribuida p lo Norte ao sr. Guerra Junqueiro: «Esta situação só pode acabar pela restauração da monarchia ou pela restauração da republica.» Apita, porém, o Dia que a paternidade do dito pertence ao sr. Coelho de Carvalho, que talvez, amanhã, seja acusado de o ter aproveitado de outro qualquer coelho, que provavelmente o terá ouvido a alguma lebre.

Pelo visto, a literatura converteu-se no jogo do pilha e, seguindo o preceito de Molière, vae praticando o *Je prends mon bien où je le trouve*. Bem faz o sr. Faustino da Fonseca em estar calado ha muito tempo para arrelhar alguns auctores dramaticos, que se não fosse a graça dos outros iriam parar perto!

EM FOCO**Gabriele d'Annunzio**

«Gabriele d'Annunzio voou sobre Viena, lançando impressos com palavras nobres e generosas.»

Dos jornais.

Subiu á grande altura das estrelas o Poeta gentil, por sua mão, guiado, no desejo de prendel-as, por esse facho eterno — o coração.

E assim compôs (estranha inspiração!) as estrofes mais puras e mais belas do poema que um povo nosso irmão vem escrevendo ha tanto, perto delas.

Os culpados gemeram de terror, supondo-o um velho Deus castigador a arrancar-lhes, de chofre, as tristes vidas.

Mas, em silencio, as mães dos assassinos, vendo sorrir os filhos pequeninos, saudaram-o, de longe, agradecidas.

X...

**Entre boemios**

—Caso é que Lisboa vive n'um sobressalto continuo com boatos de revoluções, tropas de prevenção, policia armada... E não ha meio de acudir ao panico que isto promove!

—Ora se ha! E bem simples.

—Qual?

—Mudando-lhe a primeira vogal para a immediata.

lhos... d'alto lá com ele, fazer uma terceira republica.

Em estando pronta trá-la para a cidade e põe-a no seu viveiro da Rotunda. Depois, é sabido, olha para ela, não lhe agrada e começa logo a fazer outra. As republicas nas suas mãos sucedem-se como os dós de peito na garganta do Romão Gonçalves, e tanto lhes dão que alguma vez hão de acertar.

Sempre faz sua diferença...

—E falam vocês do Teofilo, quando foi presidente da Republica, não ter dado um jantar a ninguem! Peor é o Sidonio.

—Ora essa! Porquê?

—Porquê?! Então um presidente que anda constantemente ás sôpas... Antes não dar uma sôpa do que andar ás sôpas!

Na forja ?

Noticiaram alguns jornaes que o sr. Machado dos Santos, aborrecido da politica, deliberara imitar Cincinato, trocando a politica pela charrua, e que ia para Vila Franca de Xira, onde arrendara uma propriedade, com o proposito de se dedicar exclusivamente á agricultura.

Não é exacto. Sua excelencia tencionava efectivamente retirar-se por algum tempo de Lisboa, não se sabe se para Sarilhos de Cima, se para Sarilhos de Baixo, mas para, num destes Sari-

O seguro morreu de velho

O sr. Brito Camacho deu agora em brêjeirinho da Bica. Referindo-se com ar de troça, na *Lucta*, ao que João Verdades escreveu no *Seculo* sobre a imoralidade nos jardins publicos de Lisboa, diz que em todas as grandes cidades, de noite, os jardins são mais ou menos isto—casas de pernoitar.

Por isso ele ainda não se resolveu a



ir até França. Tem medo de se apear em Paris e de que o transformem em qualquer jardim de lá em colchão de arame.

E fica, emfim, explicado porque a respeito d'ir para o «front» s. ex.ª tem fugido com o... bernal á seringa.

Où la verité va-t-elle se nicher !

AS NOVAS PROEZAS DO MANECAS

29.^a Parte — 5.^o Episodio

(Continuação)



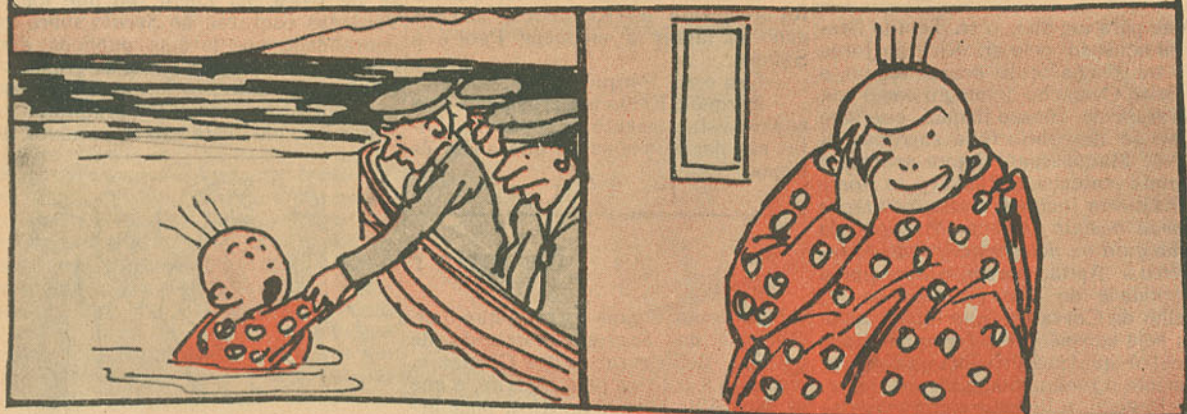
1.—Os *almôes* furiosos, julgando que o afundamento do couraçado é devido a algum submarino despejam granadas sobre granadas,

2.—até que o *kolosso* se afunda e eles saltam rapidamente para as balieiras, enquanto o Quim se vae pirando a nado no meio d'este inferno.



3.—Faltam-lhe as forças, sente-se perdido—ó Providência!—aproxima-se um barco patrulha, inglez, que o recolhe. Era tempo. O Quim desmaia.

4.—O medico de bordo, depois de inauditos esforços, chama-o de novo á vida e, inteirado da sua arrojada proeza, trata-o com todo o disvelo.



5.—O Manecas, porém, é mais infeliz. Embora nade como um peixe os malitos *boches* descobrem-no e, recolhendo-o a bordo, fazem-no prisioneiro infligindo-lhe as maiores torturas, coitadinho.

6.—Temos imensa simpatia pelo Manecas, como os meninos sabem; por isso nos confrange ainda mais a triste sorte do nosso heroe, mas tenhamos confiança, porque ele já está pensando na maneira de se escapar, o que hade conseguir, verão.

(Continúa).